


Quinta das Aguias, na Junqueira. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

Saindo de Lisboa pelo lado occidental, isto é, pelas portas d'Alcantara, e tomando o caminho que segue para o Calvario, passando este, encontra-se a Junqueira. Nos arredores da capital não ha rua mais magestosa do que esta.

Podem apresentar panoramas mais lindos, mais variados, mais pittorescos, os arredores de Lisboa; não contestâmos os gostos; porém, mais esplendor e soberbia do que os que se ostentam na rua da Junqueira, ainda os não vimos.

Tudo alli concorre para o embellezamento do sitio. De um lado, a alameda que se estende pela margem do Tejo; de outro lado, magnificos palacios, excellentes quintas de recreio. Da direita, podêmos, ao cair de uma tarde de verão, reclinar-nos n'um kiosque, ou gozarmos da fresca sombra d'alguma arvore frondosa; da esquerda, podêmos, na praia, admirar a grandeza e magestade do nosso tão poetico Tejo, e, em doce enlêvo, registrarmos os baixeis que se cruzam nas suas limpidas aguas. Se em tudo isto não ha encanto, não sabemos onde possa havel-o.

Uma das quintas mais bellas que alli ha, é a que pertence aos srs. viscondes da Junqueira, e a que chamam, naturalmente, das *Aguias*, por causa de duas enormes aves d'esta especie que rematam as columnas que fecham a entrada principal. A nossa estampa representa o fundo do jardim, onde se ergue a elegante e espaçosa vivenda dos nobres descendentes das familias Sampaio e Monteiro.

A belleza jardinal é imponente; a construcção do palacio é peregrina. Os seus proprietarios entrelaçaram o util e o agradavel, e d'esta união se desprende a multiplicidade de gozos que se desfructam na quinta das *Aguias*. A arte tem alli cultores: no compartimento do jardim, na disposição da casa, na distribuição das estatuas, na plantação das arvores, ha gosto apurado e genio artistico.

A belleza de tal conjuncto dil-o, melhor do que qualquer descripção, a gravura que apresentâmos.

INFLUENCIA DAS ARTES DO DESENHO SOBRE O COMMERCIO E RIQUEZA DAS NAÇÕES.

(Continuação.)

Sigamos os progressos d'um povo principiando a civilisar-se; supponhamos que este povo tem já feito algumas trocas com os povos visinhos. Estas trocas das producções do territorio e dos primeiros productos da industria, augmentando os meios de subsistencia, a população não tarda a desenvolver-se. Ora, quando a população crescer, é necessario pedir novos fructos á terra e novas producções á industria, quer seja para consumo directo dos habitantes, ou para operar novas trocas com o estrangeiro. A industria redobra d'actividade e productos com a esperança, bem fundada, de fazer trocas uteis. Os desejos multiplicam-se, tanto, como os meios de gozar. Ha pouco bastava a pelle dos animaes para cobrir a nudez, agora já se carece de mais alguma cousa: despojam-se os carneiros das suas lãs, as cabras da sua seda, e preparam-se estas materias convenientemente para satisfazer necessidades mais appreciadas: cardam-se, fiam-se, fórmam-se tecidos d'ellas. No grande numero de habitações que é urgente construir, já se procura tornal-as mais commodas, mais regulares e elegantes. Um pequeno numero de casas bastava para homens apenas sensiveis a algumas necessidades; agora são precisas mil fórmas diversas para mil differentes usos. Já se levantam estatuas aos homens celebres, altares e templos ás divindades. A amizade quer retratos, a religião pede imagens. Procuram-se modelos na natureza, prodigios d'imitação nas producções da arte. Marchâmos a largos passos: já se sabe fundir e trabalhar os metaes; a agulha, o fuso, e a lançadeira produzem uteis e primorosas obras. Fabricam-se e exportam-se espadas, carros, escudos, couraças; tinge-se a lã de variadas côres, o ouro e as pedras preciosas adornam e enriquecem as opas de purpura e azul.

Como a sociedade tem mudado de face! Se uma sufficiente liberdade e boas leis protegeram a agricultura, de modo a contribuir para a alimentação da classe industriosa, novas subsistencias, juntas ás que vinham de fóra, produziram uma nova população. O gozo social está espalhado por todos cidadãos; a moeda circula, os impostos estabelecem-se facilmente; os mares, que, ha pouco, se olhavam com terror, acham-se cobertos de navios; o estrangeiro tornou-se tributario da industria esclarecida da nação, e o ardor guerreiro vive intacto, porque os braços não tem repousado, porque eu supponho que se ha sabido manter em actividade o espirito publico, e que a agricultura, pelo seu lado, não deixa de produzir fructos cheios de frescura, homens robustos e saudaveis, costumes rusticos e puros.

Como se operou, pois, esta grande revolução? Não é evidente que o instincto do bello foi a sua causa primeira? Este sentimento invoca o genio da imitação; as producções das artes, aprimorando o gosto, descobrem-nos novas necessidades; estas necessidades obrigam-nos a novos esforços, estes esforços produzem novos milagres. A imaginação cria o desejo, o desejo apressa o trabalho, o trabalho produz obras primas, e as obras primas promovem a riqueza.

Para que o homem selvagem, quasi que tenho dito para que o homem civilisado, reconheça a sua ignorancia e deseje sair d'ella, para que progrida nas artes d'industria commercial, em geral, para que componha machinas, crie ou abrace invenções novas, a ausencia dos beneficios que a industria produz não é sufficiente estimulo. A indolencia é peccado maior que a concupiscencia. O homem habitua-se a todas as privações. Soffre menos n'este estado de nudez physica e moral, do que se atterra dos esforços necessarios para sair d'elle.

Que voz eloquente acordou no homem da natureza o genio immortal que, d'alguma sorte, devia tornal-o rival da Divindade, e o chamou á civilisação, ao trabalho, aos sacrificios, bem como ás doçuras da vida politica? A da poesia. A origem da poesia perde-se na noite dos tempos. Os homens dormiam ainda no seio das trevas, e já o poeta desferia harmonias. O bardo cantou, entre todos os povos, ao crepusculo da manhã. As primeiras cidades levantaram-se ao som da lyra.

A musica nasceu com a poesia. O homem canta quando o prazer o anima; escuta, com delicia, os accentos d'uma voz melodiosa; seu coração, commovido, segue as modulações d'essa voz; todas as suas más paixões, a raiva, a colera, a vingança, afracam e cedem a um poder irresistivel; suas entranhas se abalam, as lagrimas rebentam-lhe pelos olhos: está vencido! porque o accento musico é, de todas as fórmas pelas quaes se manifestam as affeições da alma, a mais energica, a mais expressiva, aquella que a mentira menos póde alterar.

A poesia dá ao homem uma outra existencia. Desperta-lhe novos cuidados e accende-lhe n'alma o facho que o guia a satisfazel-os. Apenas elle escuta a voz do poeta, deseja, inflamma-se e pretende logo crear. Quando Adão provou o fructo da arvore da sciencia, apercebeu-se nú, diz a Escriptura. Poderia significar: Assim que o homem elevou o espirito á admiração do bello, envergonhou-se da sua nudez e ignorancia. Não! sem a fonte onde o espirito bebeu o segredo da vida social, jámais o homem se applicou ás sciencias e inventou machinas. As artes dependentes da imaginação precederam, forçosamente, as sciencias na successão de novos conhecimentos, pela mesma razão por que, na ordem das idéas, a sensibilidade se move, antes que a reflexão opere; precederam forçosamente as sciencias, porque, actuando sobre o coração, ás artes, só, era dado captivar um ente sem ambições, dormindo no regaço da indolencia natural. Offerecei ao selvagem uma machina complicada; por mui util que esta vos pareça, elle a rejeitará; cantae-lhe, porém, pæans religiosos, hymnos de guerra e amor, desenhae-lhe a imagem de sua companheira, de seu filho, de seu amigo, e sua voz sonora repetirá vossos pæans e vossos hymnos, sua mão intelligente procurará imitar vossos desenhos; seu genio inflammar-se-ha promptamente, e em breve, pelo effeito das luzes que se lhe vão derramando na alma, o rude selvagem inventará, por si mesmo, essas machinas engenhosas que ha pouco rejeitava.

O desejo de representar as fórmas dos corpos em relêvo ou a traços seduziu o homem no momento em que um objecto amavel ou de terror feriu a sua imaginação, facil d'excitar-se. A admiração, a amizade, o amor, o medo, o prazer de exercer uma faculdade que o convertia n'um rival da natureza, guiaram, desde então, sua mão obediente, e em breve modelou a madeira e a argila. A medida que sua intelligencia fazia progressos, carecia de novos instrumentos. O mundo inteiro offerecia-lhe modelos. O instincto pedia ás artes as fórmas mais uteis, o genio preferiu as mais simples, e o gosto, combinando estas duas relações, descortinou a belleza e ensinou a apprecial-a. Aqui principia a theoria das artes; theoria justa, sã e fecunda em obras primas, quando é o producto do sentimento, da reflexão e dos gozos intimos; mentirosa e esteril, quando filha dos prejuizos, das modas e do falso saber.

As artes d'industria commercial desenvolviam-se e aperfeiçoavam-se á medida que o desenho, seu iniciador, progredia por si só. A influencia d'esta arte

não se limitava, apenas, a offerecer-lhes modelos elegantes; inspirava-lhes multiplicadas idéas de belleza. Quão grande não se reconheceria o homem no momento em que, moldando na fórma dos fructos, das plantas, dos animaes, e até na fórma do ceo e da terra, os instrumentos que, para seu serviço, creava em cada dia, e obedeciam á sua vontade; no momento, finalmente, em que, considerando e admirando uma obra da natureza ou da arte, disse comsigo mesmo: — « Isto é bello, e eu sinto porque! »

Refutemos ligeiramente, que tanto basta, os que pretendem que a arte do desenho se espalhou por transmissão, passando do Egypto á China, ou da China para o Egypto, do Meio-dia ao Norte, ou do Norte ao Meio-dia. Mas em que epocha se faria esta chimerica viagem? Quem levou a arte aos mexicanos? Quem a inspirou aos selvagens da America? Quem a tinha ensinado a Giotto, quando, criança e pastor, traçava sobre uma pedra a figura das suas ovelhas? As artes do desenho, da pintura, da esculptura e da architectura, encontram-se, mais ou menos adiantadas, por toda a parte onde vivem e viveram homens. Se se dissesse que os povos se transmittiram os principios desenvolvidos e os modelos de perfeição, proclamava-se uma verdade; mas affirmar que se communicaram o primeiro conhecimento das artes, é uma louca pretenção, que equivale a sustentar que os povos se deram mutuamente alma e sentidos.

*(Continúa)*.

---

## FERNÃO DE MAGALHÃES.

Tu Magaglianes, ti renditi al Mondo
nel tuo Nome immortal con chiaro vanto;
del Sol mentre immitasti il corso tondo
degno d'Istoria, e d'alto Aonio canto:
d'un generoso ardir nel cor secondo
tu si carpisti il tuo camin; ma quanto
¡o hime! soffristi dall'aversa sorte
che s'oppon qual Nemica all Huõ chè forte.

*Girolamo Bartolomei Gia Smeducci* — L'AMERICA, c. 26, est. 8.

De donde opuesto á vientos importunos
descubrió el Lusitano temerario
el gran Imperio de los dos Neptunos.

*Argensola* — RIMAS, p. 422.

Ao sair da edade media para a edade moderna, o genio dos descobrimentos maritimos parecia ter encarnado na nação portugueza, a cujas emprezas se deve por ventura a feição pronunciadissima, que ficou distinguindo o passado do futuro.

As descobertas de Colombo, na America, e as de Balboa no grande mar do sul, fizeram logo pensar, cada vez com mais fundamento e esperança, na existencia presumivel d'uma passagem do Atlantico para o Pacifico e Indico, que facultasse novo caminho á navegação entre a Europa occidental e a India, que os successos gloriosos dos governadores D. Francisco d'Almeida, e Affonso d'Albuquerque, estavam por aquelle tempo illustrando.

Fernão de Magalhães era então um dos cavalleiros que mais se distinguiam nos feitos do oriente. O seu appellido impunha obrigações, que elle bem sabia comprehender e desempenhar. Magalhães tinham já obtido commandos de navios, e esquadras portuguezas (1); Magalhães eram os que tinham correspondido a estas honras com se offerecerem na Asia e na Africa a morte gloriosa. (2)

Fernão de Magalhães fôra criado no serviço da rainha D. Leonor, e entrou depois no d'el-rei D. Manoel. (3)

(1) Barros, *Da Asia*, dec. 1.ª, l. 9, c. 6—dec. 2.ª, l. 1, c. 2—e l. 2, c. 7—e l. 3, c. 3, e 5.
(2) Ibid.—dec. 2.ª, l. 2, c. 8—e l. 3, c. 9.
(3) Ibid.—dec. 1.ª, l. 10, c. 6.

Em 1505 passou á India em companhia do seu vice-rei D. Francisco d'Almeida. Uma das acções que alli lhe começaram a grangear mais honra e credito, foi a prudencia com que sustentou por muitos dias, até que a soccorreram, a tripulação d'uma náo, que vindo de Cochim para Portugal naufragou nos baixos de Padua junto ás ilhas de Anchediva. (1) O motivo que teve para não abandonar essa embarcação foi ainda mais nobre. Instava o commandante para que se salvassem n'uma embarcação pequena, mas recusava dar passagem n'ella a um amigo de Magalhães, que não era homem de tanta qualidade. Foi por isso que Magalhães engeitou a salvação, e preferiu morrer com o amigo, antes que abandonal-o. (2)

Com Diogo Lopes de Sequeira se achou Magalhães na primeira expedição contra Malaca, e lá com seu esforço e diligencia salvou a vida ao seu companheiro Serrão, estreitando assim uma amizade que durou quanto elles viveram. (3)

Estando em Azamor, n'uma saida que fez contra os mouros foi ferido com uma lançada, do que ficou um pouco coxo. D'outra sortida trouxe oitocentos e noventa prisioneiros, e duas mil cabeças de gado.

Com taes serviços apresentou-se na corte pedindo por toda recompensa, que lhe augmentassem duzentos réis de moradia por mez. Ainda que modicos, estes como alimentos que os reis desde antigos tempos davam aos que eram do estado da sua casa, as moradias interessavam sobre tudo a nobreza, que fazia consistir parte da sua honra e da sua gloria em ter maior moradia. D. Manoel, que tão declarado protector era do merito, longe de reconhecer o de Magalhães, lhe recusou o que pedia, e mandou que voltasse a Azamor para justificar-se de malversações, que ácerca do gado apprehendido se lhe attribuiam. Obedeceu. De regresso a Lisboa, trazendo authenticos os instrumentos que lhe provavam a innocencia, não teve na sua pretenção exito mais feliz, antes soffreu a desconsideração de ver premiados outros, que haviam tido pequenissima parte nas acções de que fôra chefe. (4)

Resentido de tão injusto procedimento, e convidado por Serrão a que fosse ter com elle ás Molucas que havia descoberto, fazendo-lhe d'ellas encantada relação, e promettendo-lhe que, se alli fosse ter com elle, acharia boa recompensa ao seu trabalho; abandonou a patria, desnaturalisando-se juridicamente (1517), e foi-se apresentar em Castella, acompanhado do fidalgo e habil cosmographo Ruy Faleiro, e d'outros pilotos portuguezes, (5) resolvido a vingar-se d'um repudio que considerava affrontoso, e com o duplo intento de demonstrar, que as ilhas das Especierias, de que os portuguezes intentavam apoderar-se, entravam tanto pelo oriente, que ficavam dentro da demarcação hespanhola; (6) e de verificar a idéa de Colombo, de descobrir uma passagem para ellas pelo sul da America. Para fundamentar o primeiro intento tinha e mostrava como provas as cartas que das Molucas lhe escrevêra Serrão, que era o primeiro que alli se tinha estabelecido, e affirmava que taes ilhas distavam mais de seiscentas legoas de Malaca: para o segundo apoiava-se nos raciocinios de Colombo, e nas proprias reflexões feitas nas suas viagens e estudo da cosmographia.

Assim o propoz, primeiro aos officiaes da contratação de Sevilha, e depois á corte, (7) onde o gran-

(1) *Hist. dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes no novo mundo*, t. II, p. 41.
(2) Barros, dec. 2.ª, l. 4, c. 1.
(3) Ibid. c. 3 e 4.
(4) Ibid. d. 3.ª, l. 5, c. 8.
(5) Ibid. Oviedo part. 2, l. 2, c. 1.—Herrera, dec. 2, l. 2, p.19-52.
(6) Barros, ib.—*Descripcion de las Islas Filippinas* por el P. Francisco Colin jesuita, part. I, c. 22, p. 134, ed. de Madrid de 1663.—Pigafeta. *Navigacioni e viagi di Ramusio*, 1.º vol. f. 403, ed. de Veneza de 1554.
(7) Petri Martyris, d. 5, c. 7, p. 378.

de cardeal Cisneros o recebeu com amabilidade, dando-lhe grandes esperanças, de que seria bem despachado logo que chegasse de Flandres el-rei D. Carlos. [1]

Taes foram os antecedentes da ida de Magalhães para a Hespanha. Parece que não podia ser em occasião menos opportuna. Além dos grandes cuidados que occupavam aquelle reino pela eleição de Carlos v em imperador, era então que as primeiras noticias do Mexico chamavam a attenção para o norte da America, [2] e as do rico Perú as fixava no Meiodia, esperando com fundamento alcançar por ambas as regiões a viagem ás Molucas pelo já conhecido mar do sul, e mais provavelmente pelos estabelecimentos de Guatemalla e Panamá.

As reclamações ou diligencias, que Portugal fazia para estorvar esta empreza por parte de Castella, juntas á circunstancia de tratar o imperador de casar então sua irmã D. Leonor com el-rei D. Manoel, pareciam não o inclinar muito a favorecer as propostas de Magalhães. O voto do conselho era-lhes entretanto favoravel, [3] e o imperador condecorou os auctores d'ellas com o habito de Santiago, e com o titulo de capitães, celebrando com elles contrato, e mandando que se lhes apromptassem em Sevilha cinco caravellas.

No tempo que tinha levado esta negociação, um excesso de estudo transtornára a razão a Ruy Faleiro, pelo que só Magalhães, que tinha já casado em Sevilha com uma filha do portuguez seu parente Diogo Barbosa, alcaide das Atarazanas, proseguiu no empenho.

Prompta a esquadra, e nomeado piloto mór Juan Serrano, [4] entrou o general na náo *Trinidad*, levando comsigo Estevam Gomes, portuguez feito piloto real; Francisco Calvo contramestre, [5] e ao todo sessenta e dois homens de equipagem. Da segunda embarcação, chamada *Santo Antonio*, era capitão Juan de Cartagena, Andrés de S. Martin, e João Rodriguez de Mafra, pilotos reaes, ao todo cincoenta e cinco pessoas de tripulação. Do terceiro navio, chamado *Concepcion*, era capitão Gaspar de Quesada, mestre Juan Sebastian de Elcano, João Lopes de Carvalho, portuguez, feito piloto real, ao todo quarenta e quatro pessoas. Do quarto, que se chamava *La Victoria*, era capitão Luiz de Mendonça, piloto real Vasco Gallego, ao todo quarenta e cinco homens. Da ultima náo, *Santiago*, era capitão o piloto mór Juan Serrano, e levava trinta e uma pessoas. O total da expedição era de duzentas e trinta e sete pessoas. [6] Dos cinco navios dois eram de 130 toneladas, dois de 90 e um de 60, [7] e ficaram de todo promptos em fins de julho de 1519.

Preparada assim a expedição, partiu de Sevilha no 1.° d'agosto, e de Sanlucar em 27 de setembro, fazendo rumo para as ilhas Canarias. Refrescaram em Tenerife, e deram á véla para Cabo-Verde, dirigindo-se á America em busca do cabo de Santo Agostinho, depois de ter estado muitos dias á vista das costas de Guiné, e da Serra Leôa, vendo na viagem alguns peixes e aves que não conheciam. De 29 de novembro a 8 de dezembro seguiram ordinariamente ao sudoeste, e estando, segundo a sua observação, em 19° 59′, reconheceram *serras de praias planas*, e entraram na bahia de Santa Luzia, onde trataram com os indios, e se demoraram até 27 de dezembro. Vista outra vez a costa sondaram 12 braças, e tendo observado 35° estavam no cabo de Santa Maria, já descoberto por Solis, onde a uma montanha, como um chapeo, chamaram *Montevidi* (Montevideo) e depois por corrupção *Santovidio*. Surgiram em 5 braças, e achando um rio mui grande, que era o de Solis (rio da Prata), mandou Magalhães a náo *Santiago* ver se por elle havia passagem. Demorou-se 15 dias, andou 25 legoas, e trouxe a noticia de que o rio ia para o norte. N'este mesmo tempo, Magalhães com outras duas embarcações seguiu para o sul, e correu a costa outras 20 legoas, pois era sua intenção correl-a até que precisamente terminasse, ou mostrasse antes o estreito. Acabados estes reconhecimentos deu á véla (fevereiro 1520), e ao outro dia fundeou para tomar uma agua que a náo *Santo Antonio* fazia. Continuou reconhecendo a costa, e estando em 33° 11′ conforme a sua observação, tocou o navio *Victoria* repetidas vezes n'um baixo, inda que sem avaria. Pelos 42° 30′ descobriram uma grande bahia, a que chamaram de S. Mathias. Reconheceram-na para ver se dava passagem para o outro mar, mas não a acharam no giro de 50 legoas que por ella fizeram por um fundo de 80 braças. Saindo d'alli prolongaram a costa, e chegaram á bahia de S. Julião.

N'este porto (em 2 de março) trataram pela primeira vez com os patagões, tomando alguns que depois morreram. Os capitães das tres náos conjuraram-se contra o almirante, com quem já haviam tido algumas desintelligencias durante a viagem, porque determinando invernar alli, tinha diminuido as rações. Não tendo Magalhães podido aquietal-os, mandou-os justiçar. Com isto socegaram os outros, e passado o peor do inverno deitou em 24 d'agosto mar em fóra. [1]

Um forte temporal de leste fez dar á costa o navio de Juan Serrano, salvando-se a gente e o carregamento. Com os quatro restantes entrou n'um rio, que chamou de Santa Cruz, a 30 legoas de S. Julião, onde se proveu d'agua e lenha, e, esperando estação mais benigna, esteve alli até 18 de outubro.

Tornando ao mar continuaram a costear, e no dia das Onze-mil-virgens descobriram um cabo, a que puzeram este nome. Nas immediações d'elle viu a náo Victoria uma abertura que se averiguou ser um estreito, ao qual alguns chamaram por isto da Victoria. Mandou Magalhães que o fossem reconhecer, promettendo esperar cinco dias as embarcações. Sairam todas ao reconhecimento, e uma, de que era capitão Alvaro de Mesquita, sobrinho do general, se viu obrigada a desembocar por causa do refluxo; a tripulação, descontente, prendeu o capitão, e deu á vela para Hespanha. [2] Dos dois navios restantes um trouxe a Magalhães a nova que só descobrira uma grande bahia rodeada de baixos e escolhos; e o outro, que tendo caminhado tres dias, sem obstaculo, a altura das serras d'um e d'outro lado, o excessivo fundo, e as suas observações sobre as marés o inclinavam a assegurar, que aquillo era um estreito por onde os dois mares se communicavam.

Com esta noticia, depois de ter esperado muitos mais dias que os marcados, pelo navio de Mesquita, consultando com os commandantes [3] embocou Ma-

[1] Oviedo l. 17, c. 19-20, f. 146-147 b. — Gomara, c. 49, f. 19 b., e c. 91, f. 46.

[2] Barros, ib. c. 8—Oviedo, p. 2, l. 2, c. 1, f. 5 b.

[3] Gomara, c. 49 e 91.

[4] Oviedo, ib.

[5] Herrera chama-lhe ora Calvo, ora Alvo.

[6] Já vimos um manuscripto que individualisava os nomes de todos, sem fallar de Antonio de Pigafeta, salvo se figura com o nome de Antonio Lombardo, entre os criados do capitão, e supranumerarios da náo almiranta. No numero total concordava com o mesmo Pigafeta na ed. de Ramusio c. 1.° f. 389 b. — e com Oviedo l. 20, c. 1, f. 5 b.

[7] Herrera, d. 2, l. 4, c. 3, p. 101.

[1] Barros, d. 3, l. 5, c. 9, diz que impoz pena capital a Luiz de Mendonza, e a Gaspar Quesada; e que a Juan de Cartagena, e a um clerigo portuguez chamado Pedro Sanches da Rainha deixou entre os patagões.

[2] Barros d. 3, l. 5, c. 9, diz que passaram pelo porto de S. Julião, onde Magalhães deixára desterrados Juan de Cartagena e o padre, mas não diz se com effeito os encontraram e reconduziram a Hespanha.

[3] Esta consulta, e a resposta de Andrés de S. Martin, tral-as na sua integra João de Barros, que as copiou dos papeis d'aquelle. São dignissimas de ler-se, pelo que illustram muitos successos d'esta navegação. Vem na d. 3.ª, l. 5, c. 9.



Estreito de Magalhães. — Porto de S. Nicoláo.

galhães com os tres restantes pelo estreito que depois teve o seu nome, e sem ter visto natural algum mais que fogos de um e outro lado, saiu no outro mar no fim de 22 dias.

Já no Pacifico (que assim denominaram aquella parte do mar do sul, porque o tempo constantemente favoravel lhes deixava fazer singraduras de até 70 legoas) fizeram rumo ao noroeste, e estando em 16° 15′, viram uma pequena ilha, ainda que frondosa, deshabitada, a que puzeram o nome de S. Paulo. Em 11° 15′ acharam outra, que, pelos muitos que alli mataram, chamaram dos Tubarões. Em 13 de fevereiro 1521 cortaram a equinoccial, e nos 13° norte viram outras ilhas povoadas de indios tão inclinados a roubar quanto podiam, que por isso chamaram dos Ladrões. Aqui suppriram a extrema falta que traziam de viveres; (1) e continuando o mesmo rumo descobriram um archipelago que chamaram de S. Lazaro, cujo grupo corre de oesnoroeste para lessueste.

Navegaram por entre elle levando indios em canoas como praticos. Formaram allianças com muitos dos seus regulos, alguns dos quaes abraçaram a religião christã, e prestaram obediencia ao imperador. Resistindo a isto o regulo da ilha de Matan, perto da de Zebut, onde Magalhães estava, foi a ella com quarenta homens. Recebidos, porém, por mais de tres mil, tiveram que retirar-se com perda do piloto André de S. Martinho, e outros, sendo o principal o proprio Magalhães, que, pelejando esforçadamente, ficou alli (26 d'abril 1521) morto com muitas feridas. (2)

*(Continúa).*

---

É muito mais facil e commodo ser sabio para os outros, do que sel-o para si. É como os medicos que tratam os seus doentes, mas não se curam a si.

(1) Pigafeta, c. 5.
(2) Barros, dec. 3.ª, l. 5, c. 9. — Petri Martyris, dec. 5.ª, c. 7, p. 384.

## AS MARAVILHAS DA SCIENCIA.

(Conclusão.)

Em nossa perpetua ascensão para o bem estar, temos ido arrancando á natureza os seus segredos, e hemo-nos apoderado das forças vivas para apropriar-nol-as, de modo que é consideravel o tributo imposto á creação pelo homem rei. Os elementos submettidos entram em nossos usos domesticos; para combater a fome e a sêde, a terra deu-nos os seus grãos, os seus fructos, o succo das plantas, o sangue dos animaes, o azeite e o vinho; para combater a humidade e o frio, entrega-nos o linho, a lã, a seda, as gommas de *caoutchuc,* as materias primas, os ramos da arvore, a folha, a cortiça, a madeira, o cock, e o vidro; como poderiamos enumerar a infinidade de serviços que nos prestam a agua e o ar?

Os elementos assim submettidos, disciplinados, regulados, fazem-se os servidores gratuitos das nossas necessidades e dos nossos caprichos. Realisâmos o impossivel, deixando mui atraz a poetica chineza dos Eldorados, os sonhos chamados insensatos de Cyrano de Bergerac. Se elle elevava no Hippodromo a navesinha de Godard, Icaro não pôde deixar de cair lastimosamente no mar Egeo com as insolentes acclamações da multidão; a pretendida loucura dos homens que vôam é cousa fundada e verdadeira; o impraticavel pratica-se. Nós fazemos alguma cousa mais do que imitar a ave; excedemos o seu vôo em altura e força de resistencia; elevamo-nos até ao ar irrespiravel, mais acima do Himalaya e das cordilheiras, para saudar os astros e conversar familiarmente com as nuvens como os deuses do Olympo. O globo, no seu curso aereo, despreza as azas do caduceu de Mercurio. O ar, adormecido e docil, deixa-se livremente cavalgar.

Não é certo que a aereostação, ainda que imperfeita actualmente, tem uma poesia particular? Quando o globo se lança ao ar e se eleva no azul do firmamento, não se assimilha á ave immensa adejando na atmosphera e reflectindo as suas côres? O que

tem sido passatempo de loucos e objecto do estudo dos sabios, quando se achem as leis precisas da direcção, converter-se-ha em vehiculo habitual das nossas relações, em locomoção realisavel, facil, *sub Jove eru*. O ar, elemento fluidissimo, evita-vos todo o trabalho preparatorio; uma garrafa de gaz concentrado basta para nos remontar ao espaço. Alli não ha necessidade de perforar montanhas, de praticar minas, nem socavar para romper as rocas, nem caminhos a cruzar, nem deseguaIdades a nivelar, nem curvas a traçar ou a seguir, nem rios a atravessar, nem viaductos a suspender no ar.

A aereostação é a antiga fanfarronada de Phaetonte precipitando a todo o vôo o carro do sol, ou a amorosa equitação de Roger nos lombos do hipogrifo. O globo é o escamel da navegação aerea, o rudimento symbolico de um navio atmospherico.

Os pintores podem descançar, e em logar de emprehender viagens, preparar a tela e a palheta. A vista treme, vacilla, e a mão desvia-se. Porém o sol está isento de tremor, de trepidações, de intermittencia no seu trabalho; substitue a vontade mais tenaz, a observação mais rigida, a habilidade mais certa; devorando o iodo das placas daguerrianas, reproduz os monumentos em seu conjuncto e nas mais fugitivas miudezas, com precisão arithmetica, resaltando uma realidade exacta, infallivel. Em vez de ler as cançadas descripções de Mungo-Park, de Marco-Polo, ou de Levaillaint, podêmos seguir com um olhar, em museu ocular rapidamente percorrido, os palacios, os templos, os sarcophagos, o aspecto de longinquas regiões, a physionomia das festas, o caracter dos paizes. D'este modo temos visto já retratado em folhas o Egypto dos Pharaós, já reproduzida em cartões a India com os seus hypogêos.

Comtudo, a photographia não é capaz ainda de copiar fielmente a physionomia humana; a expressão de um olhar não se fixa ao vôo. Esse processo mechanico não sabe traduzir os subitos arreboes da pelle, a florescencia da epiderme, o humido estillicidio do olhar. Janet, Holbein, Porbus, Rembrandt, Vandik, Velasquez, não serão destituidos do seu glorioso titulo de artistas, porque só elles transmittem aos seus quadros o effluvio da vida, como Pygmalião fez respirar a estatua, lançando no gelido seio do marmore o seu alento de fogo. Derramada a photographia, será essa para a gravura o que o jornal é para o livro; e pelo preço das imagens de Epinal, de lithographias ridiculas ou grosseiras, de laminas impudicas, mostrará ás gerações vindouras as *madonas* de Raphael, porque applicando a galvanoplastia ao daguerreotypo, obter-se-hão provas excellentes, e multiplicar-se-ha incessantemente o buril, guardando nos quadros as relações das côres e o vapor dos matizes.

Incontestavelmente, Salmoneo era apenas um chimico impotente e lisonjeiro de Jupiter; quando lhe entrava no paço fazia passar o seu carro pelas abobadas de bronze para imitar o fragor do trovão. Era este o principio de um descobrimento, ou a festança de um tyranno? Não sabemos. Haviamos dado azas á materia, tinhamos os barcos, e acrescentaramos-lhes o alento do vapor: tinhamos caminhos de ferro, pernas de aço, pulmões de bronze, azas de seda, e não obstante temos querido aggregar a todas essas cousas a palavra e o gesto; o gesto pela telegraphia, cujos braços se agitam no espaço; a palavra pela electricidade, cujo arame enlaçará entr'ambos continentes, unindo os tempos e as distancias. Depois estabelecemos um tubo bastante resistente e continuo, que põe a America em communicação directa e constante com o resto da terra. Em poucos segundos irá a palavra do mundo antigo ás costas do novo; em cinco horas saberemos o curso da bolsa de Baltimore; os *ioways* e os *ob-je-bewas*, com o auxilio da agulha montada, escrever-nos-hão os preços correntes no mercado das Montanhas-Rocosas.

E transpomos as muralhas da China! A architectura, arte symbolica e de adorno, modelar-se-ha segundo as novas necessidades, e se accommodará ás exigencias futuras. Outra sociedade requererá outros monumentos. A religião musulmana arredonda a cupula das mesquitas; o campanario christão eleva-se nos espaços ao encontro de Deus com o fervor da fé. A India, o Egypto, o Perú, tem as suas architecturas cosmogonicas, toscas e macissas; o genio romano dá ao templo aspecto militar e sacerdotal; o genio grego sorri com a sua elegancia e marmorea brancura nos frizos do Partenon; a edade média coroa-se de ameias e terras feudaes. Se a architectura não tem caracter especial, physionomia original e estavel, a culpa está nos architectos, demasiado entretidos com o estudo do passado. Os theatros tomarão sem duvida proporções consideraveis, para que as massas possam assistir aos espectaculos; tudo deve, portanto, indicar o seu objecto, a sua utilidade, o seu fim.

Eguaes progressos se verificarão nos outros ramos da actividade humana.

O véo do mysterio que encobre o porvir vae rasgando-se paulatinamente na mão do operario que trabalha, do artista que pensa, do sabio que esquadrinha, combina e calcula. Œdipos investigadores e obstinados decifram os enigmas esculpidos nos cerrados labios da sphinge.

Liberto, melhorado, tranquillo, rodeado de creação mais elevada e mais terna, o homem ennobrecerá os seus instinctos, depurará as suas paixões, engrandecerá a sua intelligencia. Um agente unico, poderoso, continuo, rapido, infatigavel e perpetuo, fará ao mesmo tempo o serviço da materia; os mineraes, agora banidos, collocar-se-hão em fim no paraiso mahometico das machinas. Immaterial, imponderavel, o homem não luctará contra Deus, e aproximar-se-ha d'elle para absorver-se na sua eternidade. A arte, augmentada pela cultura intellectual, apagará o tosco, corrigirá o feio, emendará o disforme.

Não se assustem, pois, os poetas; isto não é decadencia, é renascimento; não é a noite que nos envolve em suas trevas, é o alvor que sobe no horisonte, e illumina já os cumes de uma civilisação mais perfeita.

BRITO ARANHA.

## GALERIA DOS HOMENS UTEIS.

### JOHN HOWARD.

O *Amigo dos Presos*, o mais celebre philantropo inglez, *John Howard*, nasceu em 1727, em Enfield, e era filho de um tapeceiro de Londres, que, depois de haver junto uma fortuna consideravel, se retirou do commercio. Zeloso partidario da doutrina dos *não-conformistas*, o enriquecido mercador entregou seu filho aos cuidados de um instituidor, o qual não tinha outro merito senão o fanatismo da seita. Em toda a sua vida, Howard deplorou com dor e indignação os sete annos que perdeu n'aquella pessima eschola. Saiu, como elle proprio disse, sem ter aprendido solidamente uma só cousa; sabendo, apenas, fallar ou escrever correctamente a sua lingua, e não tendo das outras senão conhecimentos superficiaes, á excepção, talvez, do francez. Quando o pae de Howard morreu, deixou este, então ainda muito moço, e uma filha, por herdeiros da sua grande fortuna, ordenando no testamento que seu filho não entrasse em posse senão aos vinte e cinco annos.

Provavelmente, em consequencia d'esta disposição foi o joven Howard levado para uma confeitaria, em Londres, onde adquiriu o habito de ordem e de actividade, que em toda a sua vida conservou; mas não sentindo vocação alguma para o commercio, e sendo, além d'isso, muito fraco para supportar as fadigas de uma tal profissão, quando chegou aos vinte e um annos, resgatou o tempo restante da aprendizagem, e partiu para França e Italia (1748).

Quando voltou é que Howard se lançou no mundo, passando á vida dos ricos e ociosos. Não obstante, nutria o gosto das artes, adquirido n'esta viagem, e, apesar dos vicios de sua educação, amava a leitura e o estudo da natureza. Sentindo-se, porém, doente, foi para o campo, onde por algum tempo se occupou principalmente da sua saude. Como os medicos o suppunham ameaçado de consumpção, prescreveram-lhe o mais severo regimen, que Howard seguia com rigorosa exactidão, á qual deveu a extraordinaria sobriedade e indifferença pelos prazeres da mesa que tanto o caracterisavam.

Desde o momento em que se entregou a si proprio, Howard, segundo seu biographo Aikin, tornou-se mui notavel pela singularidade de seu modo de pensar e d'obrar. Cita-se, como uma prova de extravagancia, o seu primeiro casamento. Vivamente tocado pelos desvelos que uma viuva, em cuja casa estava hospedado, lhe tinha sempre prodigalisado, pediu-lhe a mão, *por reconhecimento*. Esta viuva contava já os seus cincoenta annos, duplo da edade de Howard, era pobre, muito doente, e, provavelmente, feia talvez, circunstancias pouco appeteciveis que ella propria lhe observou, não querendo acceitar união tão desproporcional. Mas Howard persistiu, e o casamento teve logar dentro em pouco tempo (1752). Tres annos depois perdeu esta primeira esposa, da qual conservou sempre profundas saudades.

Á reputação d'homem instruido e disposto a proteger as sciencias e as artes uteis, deveu Howard a sua admissão na sociedade real de Londres (13 de maio de 1756). A collecção das *Transacções* d'esta illustrada sociedade contém tres memorias d'elle sobre observações meteorologicas.

Quando o grande terremoto de 1755 reduziu Lisboa a cinzas e cobriu a Europa de terror, Howard resolveu logo visitar as ruinas da infeliz cidade, com fins humanitarios. Desgraçadamente o paquebote *Hanovre*, onde embarcou, foi capturado por um armador francez, que maltratou cruelmente a equipagem ingleza, ficando assim mallogrados os seus philantropicos intentos. Chegado a França, conheceu Howard pela sua propria experiencia quanto os povos soffriam, e foi desde então que o seu coração se inspirou da activa e profunda piedade, *vocação*, como elle lhe chamava, a que consagrou uma grande parte da existencia.

Pouco tempo depois de voltar a Inglaterra, contrahiu segundo casamento (1758), mais vantajoso do que o primeiro, esposando a sua Henriqueta, com a qual passou, segundo repetia muitas vezes, os unicos annos felizes da sua vida. Habitando em Watumbe, Howard e sua mulher não cuidavam senão de alliviar os soffrimentos dos pobres, soccorrendo-os e procurando-lhes trabalho, dando-lhes abrigo em casas á sua custa de proposito construidas para esse fim, e creando eschôlas d'ensino primario gratuito. A boa Henriqueta morreu (1765) dando á luz um filho unico, cuja educação distrahia alguma cousa a dor de seu pae, mas de que não tirou proveito, saindo-lhe com descuidadas inclinações. Howard, homem tão sensivel, tão benevolo para os estranhos, foi, diz-se, para seu filho, como para si proprio, de uma extrema severidade.

As funcções de grande Sheriff do condado de Bedford, que Howard acceitou em 1773, robusteceram a sua actividade e compaixão pelos desgraçados que gemiam nas prisões. A má administração d'estes estabelecimentos, a deshumanidade dos guardas e o embrutecimento dos presos affligiram-no profundamente. Tomou, pois, a nobre e sublime resolução de acabar com taes descuidos e crueldades, de libertar o seu paiz e a humanidade de tão impio flagello. Na introducção do livro admiravel que, mais tarde, publicou, descreve, com lizura e modestia, a maneira como, do exame das prisões do seu condado de Bedford, chegou á resolução dos melhoramentos da policia nos tres reinos que, com esta intenção, percorreu.

Foi tal o amor e actividade com que trabalhou, que em 1774 communicava os resultados de seus estudos á Camara dos Communs, que lhe votou agradecimentos. Como ainda não era, então, muito conhecido, e poucas pessoas comprehendiam uma tão desinteressada dedicação, houve por esta occasião um deputado que perguntou por conta de quem tinha Howard feito aquellas viagens... Adoptaram-se dois bills para os melhoramentos das prisões, que foram o comêço das grandes reformas d'este genero. Howard imprimiu, á sua custa, estes dois actos de legislatura, e os enviou gratuitamente a todos os carcereiros das prisões d'Inglaterra.

Foi então que, preparando-se para publicar o *Estado das prisões em Inglaterra*, julgou dever, primeiro, emprehender estas longas viagens, tão celebres na historia da beneficencia publica e da philantropia moderna. Não satisfeito com o estudo das prisões e hospitaes do seu paiz, quiz visitar tambem as prisões e hospitaes de toda a Europa, e até mesmo d'alguns paizes da Asia e Africa. Que grandeza e humanidade d'alma! Diz-se que no espaço de quinze annos, de 1775 a 1790, fez, n'esta louvavel intenção, além das suas excursões na Inglaterra e Irlanda, cinco viagens á Hollanda, quatro á Allemanha, tres á França, duas á Italia, uma á Hespanha e ao nosso paiz, uma á Turquia, aos estados do norte da Europa, Dinamarca, Suecia, Polonia e Russia, visitando os presos até ao fundo das enxovias mais immundas e terriveis, soccorrendo-os, e consolando-os com palavras de resignação e esperança. Não esqueça dizer que, n'esta sua inimitavel caridade, foi mal acolhido pelas auctoridades francezas, que lhe não perdoavam o horror que Howard testimunhava pela Bastilha. Durante sua presença em Vienna, o imperador José II mandou-lhe dizer que o queria ver. Howard respondeu que duvida alguma tinha em apresentar-se a sua magestade imperial, mas que se recusaria a dobrar o joelho, conforme a etiqueta então consagrada. O imperador não hesitou em acceitar a escusa e, seis semanas depois da partida do humanitario viajante, supprimiu, por um edicto, a ceremonia humilhante, á qual Howard julgou não dever submetter-se. O imperador e o philantropo conversaram muitas horas. Howard declarou que os hospitaes de Vienna lhe pareciam mal administrados, e pronunciando energicamente a sua opinião contra certos castigos: «mas, disse o imperador, em Inglaterra não se penduram, ás dezenas, os malfeitores?» — «Sire, respondeu Howard, eu antes quero ser pendurado em Inglaterra, do que viver nas vossas prisões.» Quando Howard saiu, o imperador disse a um compatriota do excentrico viajante: «Na verdade, este inglezinho não é adulador!»

Howard tinha uma irmã muito rica tambem. Quando esta morreu deixou-lhe a fortuna, que elle empregou toda em alargar os seus beneficios por um maior numero de desgraçados. Os curtos intervallos de suas viagens consagrava-os a publicações philantropicas, que gratuitamente distribuia, taes como o

*Estado das prisões em Inglaterra, Quadro da Bastilha, Historia dos Lazaretos,* etc. Na sua viagem a Constantinopla e a Smyrna, onde visitou intrepidamente os cholericos, expoz-se a toda a casta de perigos tanto em terra como no mar. Mal acabava de escapar ás tempestades do equinoccio, quando o seu barco, dirigindo-se para Italia, foi atacado por um corsario de Tunis. Depois d'uma resistencia desesperada, o capitão, para se subtrahir á escravidão, resolvia já incendiar o navio, quando o combate terminou por um tiro de metralha, dirigido muito a proposito sobre os piratas, por Howard em pessoa. Chegado a Veneza, e ainda em quarentena, recebeu duas noticias, de genero muito diverso, que profundamente o affectaram. Uma d'ellas era o triste estado em que vinha de cair seu filho, perdendo completamente a razão. A dor do bom pae revela-se em muitas das suas cartas, onde, tratando diversos assumptos, se interrompe por esta exclamação: «mas, oh! meu filho! oh! meu filho!» A outra era a noticia d'uma subscripção aberta em Londres e já completa, para lhe erigirem uma estatua em signal de reconhecimento para com todos os seus trabalhos de beneficencia e humanidade.

Os auctores e partidarios mais zelosos d'esta subscripção não ignoravam os constantes protestos de Howard contra toda a manifestação estrondosa de reconhecimento publico por seu respeito; mas quizeram, diziam, forçar sua modestia. N'uma carta que dirigiu aos subscriptores, Howard repulsou com o accento da dor e quasi da indignação, a honra insigne que se lhe pretendia fazer, máo grado seu. «Não terei em Inglaterra, dizia elle, um unico verdadeiro amigo que tome a minha defesa?»

Howard tinha acceitado as funcções d'inspector das prisões, com a condição de ter por collega o seu amigo, o doutor Fothergill, tambem illustre philantropo. Quando este morreu, pediu a sua demissão.



John Howard.

Howard passava a vida na maior austeridade, fugindo dos prazeres e das reuniões numerosas. Um dia perguntou-lhe o principe Henrique da Prussia, irmão do grande Frederico, se não ia á noite a algum logar publico, para se distrahir dos trabalhos do dia: «Nunca, respondeu Howard; encontro mais prazer nas lucubrações do meu dever, do que em todos os divertimentos do mundo.» Preferia a conversação das mulheres, em cuja presença se mostrava sempre muito attento, e com uma cortezia que mui notavel contraste formava com a severidade e quasi rudeza de suas maneiras habituaes. A doçura de sua voz tinha, então, alguma cousa de surprehendente: era que a lembrança da sua Henriqueta em toda a parte o acompanhava.

O caracter frio e firme d'Howard não dava idéa alguma do enthusiasmo do coração que o animava. Sua coragem e intrepidez eram inimitaveis. O tom incisivo das suas palavras caracterisava a força decidida de suas resoluções. Queria ser promptamente obedecido: compenetrado da importancia dos seus designios e da incerteza da vida humana, todo o tempo lhe parecia pouco. Na sua ultima viagem, que durou vinte dias, diz-se que nunca se deitou.

Os seus alimentos habituaes consistiam em pão, batatas e chá. Passou trinta annos sem beber vinho, e sem comer carne. Gostava muito de fructos, unica cousa em que fazia escolha. Quando esteve na Turquia, tratou, com feliz exito, um rico do paiz gravemente doente. Offerecendo-lhe este dois mil sequins, Howard recusou-os, exigindo unicamente a permissão de colher, de vez em quando, no seu jardim algumas laranjas e cachos d'uvas. Desde então o turco mandava-lhe todas as manhãs um cabazinho dos seus mais bellos fructos.

Depois da ultima viagem a Italia, Howard resolveu visitar de novo a Russia, Turquia e alguns outros paizes do Oriente. A razão que dizia era que não podia deixar de seguir sua *vocação.* Tencionava fazer esta viagem sósinho; mas seu fiel domestico Thomason obteve, depois das mais vivas e tocantes supplicas, a permissão de o acompanhar. Chegou a Hollanda em principios de julho de 1789. Atravessou o norte da Allemanha, a Prussia, a Courlanda, a Livonia, até S. Petersbourg e Moscou. «Cheguei a esta cidade, escrevia elle a um amigo, em 22 de setembro de 1789, e já comecei as minhas investigações. Os hospitaes estão n'um triste estado. N'elles morreram o anno passado para mais de 70:000 pessoas, entre povo e soldados. Espero alumiar estas regiões afastadas com o facho da philosophia, apesar das poucas esperanças que tenho de escapar á peste. Todavia não olho para traz; estou resolvido a affrontar os perigos.» Seguiu, de Moscou, caminho pelas fronteiras meridionaes da Russia europea e margens do mar Negro, até Taurida, onde, desgraçadamente, os seus presentimentos se realisaram. Tratando, em Cherson, uma senhora atacada do contagio, Howard foi victima, tambem, no seu posto de caridade, succumbindo a 20 de janeiro do anno 1790, poucos dias depois de haver recebido a grande noticia, de tanto prazer para elle, da destruição da Bastilha.

A humanidade d'Howard estendia o seu manto de beneficios até sobre os animaes. Tinha um vasto terreno exclusivamente apropriado para asylo dos cavallos invalidos, com abundante alimento e abrigo contra o máo tempo. Pratt, viajante, diz que viu n'este logar mais de trinta d'estes quadrupedes pensionistas, e acrescenta que o melhor hospital não era mais bem administrado.

O monumento d'Howard, na egreja de S. Paulo em Londres, é obra do esculptor Bacon. O philantropo inglez está representado em costume romano, tendo um rolo de planos de beneficencia n'uma mão, na outra uma chave, e pizando algemas. O *comité* das prisões de Paris symbolisou a sua medalha, executada por Barre, gravador da medalha Montyon e Franklin, com a effigie d'Howard, e a sociedade de Dublin, para a *abolição da pena de morte,* tomou o nome de *Sociedade Howard.*

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista, 6 F